

## O PROGRAMA DE CULTURA DOS JOGOS RIO2016: A DISPUTA SOBRE O NÃO FEITO

Juliana Carneiro<sup>1</sup>

**Resumo:** Em maio de 2016, o Ministério da Cultura (MinC) lançou o que seria o Programa de Cultura dos Jogos Olímpicos Rio2016. Tal documento previa duas mil ações culturais e envolvia cerca de dez mil artistas de todo o Brasil. Com a mudança da gestão do MinC, resultante do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, essa programação foi reduzida e, às vésperas dos Jogos Rio2016, a crise estava instalada no campo artístico e cultural brasileiro, inaugurando-se o debate sobre os motivos que levaram ao cancelamento. O artigo analisa a disputa da narrativa a respeito da anulação de parte da programação de cultura dos Jogos Rio2016. Para tanto, utiliza como fontes principais as entrevistas gravadas para o projeto “Preservação da Memória das Olimpíadas”, as quais são tratadas no artigo como parte de uma estratégia de “narrar o passado” (mesmo que muito recente) como uma forma de ação. Nesse sentido, os extratos das entrevistas citados não são simples “ilustrações” de como se deu o sucesso ou o fracasso da programação cultural dos Jogos Olímpicos; eles são componentes fundamentais da explicação de como se comportam atores sociais em uma disputa de narrativa sobre um projeto que foi proposto inicialmente como uma ação integrada de entes públicos e Comitê Rio2016 e que teve um resultado final bastante polêmico.

**Palavras-chave:** Jogos Olímpicos; Programação Cultural; História Oral.

### The culture program of the Rio2016 Games: the dispute over the undone

**Abstract:** In May 2016, the Ministry of Culture (MinC) launched what would be the 2016 Rio Olympic Games Culture Program. The document provided two thousand measures and involved up to 10,000 artists from all over Brazil. With the change in MinC’s administration, resulting from President Dilma Rousseff’s impeachment, the program was diminished, and, on the Rio2016 Games’ eve, the crisis was installed in the Brazilian artistic and cultural fields, inaugurating the reasons for the cancellation. The article analyzes the narrative dispute over the partial cancellation of the Rio2016 Games cultural programming. Therefore, it resorts as main sources the interviews recorded for the project “Preservation of Olympic Memory”, which are treated in the article as part of a strategy of “narrating the past” (even if very recent) as a form of action. Thus, the excerpts from the cited interviews are not mere “illustrations” of whether and how the Olympic Games Cultural Program succeeded or failed; they are fundamental components of the explanation on how social actors behave in a narrative dispute about a initially integrated action program of public entities and Rio2016 Committee, which had a very controversial final result.

**Key-words:** Olympic Games; Cultural Program; Oral History.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), docente do departamento de Estudos Culturais – UFF. *E-mail:* [julianaspcarneiro@gmail.com](mailto:julianaspcarneiro@gmail.com). Rio de Janeiro, Brasil.

## Introdução

No dia 23 de julho de 2016, o jornal *Folha de São Paulo* publicou uma matéria com o título “Ex-ministro Juca Ferreira nega atraso em agenda olímpica e critica nova gestão do MinC”<sup>2</sup>. Faltava menos de um mês para começarem os Jogos Rio2016, e o debate sobre a programação de cultura do governo federal ainda era motivo de polêmica, especialmente em relação às razões pelas quais levaram o ministro, que acabara de assumir a pasta da Cultura, a cancelar várias das ações culturais anunciadas pelo gestor anterior.

No presente artigo serão analisadas as entrevistas de dois protagonistas desse debate: Juca Ferreira<sup>3</sup> e Marcelo Calero<sup>4</sup>, ambos ex-ministros da Cultura. De forma mais específica, será tratada a disputa da narrativa a respeito do cancelamento da programação de cultura prevista e anunciada para os Jogos Rio2016.

Primeiramente, é contextualizada a produção das entrevistas, partindo da premissa de que tão importante quanto o *enunciado* são as *condições de enunciação* estabelecidas.<sup>5</sup>

São propostas algumas perguntas que ajudarão a elucidar tais condições de enunciação: Quem são os depoentes? Como os depoimentos foram gravados? Por quem, quando, por quê? Qual a duração das entrevistas? Por que e como as entrevistas foram preservadas? Quem quis cristalizá-las? Quais as condições e limitações de consulta? Como estão disponibilizadas?

Enfim, a proposta é mapear as circunstâncias de produção, de preservação e difusão da fonte, pois elas incidem diretamente sobre seu conteúdo.

## O projeto: *Preservação da Memória das Olimpíadas: projetos e ações*

Os dois depoimentos foram gravados para o projeto *Preservação da Memória das Olimpíadas: projetos e ações*, gestado pela Fundação

<sup>2</sup> JUCA Ferreira nega atraso em agenda olímpica e critica nova gestão do MinC. *Folha de São Paulo*, 23 jun. 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/06/1784893-juca-ferreira-nega-atraso-em-agenda-olimpica-e-critica-nova-gestao-do-minc.shtml>>. Acesso em: dez. 2017.

<sup>3</sup> O ex-ministro Juca Ferreira foi ministro da Cultura por dois momentos: 30\07\2008 a 30/12/2010 e 01/01/ 2015 a 12/05/2016. Ele estava à frente da pasta quando, em abril de 2016, foi lançado o que seria o programa de cultura do governo federal para os Jogos Rio2016. Sua entrevista foi realizada em 02/12/2016, no CPDOC-FGV. Entrevistadoras: Carla Siqueira e Vivian Fonseca.

<sup>4</sup> O ex-ministro Marcelo Calero foi secretário municipal de Cultura do Rio de Janeiro 15/01/2015 a 18/05/2016 e ministro da Cultura de 24/05/2016 a 18/11/2016. Ele era o ministro da Cultura no período da realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio2016 (05 de agosto a 19 de setembro de 2016). Sua entrevista foi realizada no CPDOC-FGV, em 1º/8/2016. Entrevistadoras: Carla Siqueira e Vivian Fonseca.

<sup>5</sup> Ver: Albert, Jean-Pierre. Lo que dice la palabra (y que a menudo se pierde). *Historia, Antropología y Fuentes Orales*. Barcelona, Universidad de Barcelona, n. 30, p. 65-81, 2003.

Casa de Rui Barbosa em parceria com a Escola de Ciências Sociais/CPDOC da Fundação Getúlio Vargas (FGV).<sup>6</sup> O projeto teve como objetivo:

Preservar a memória dos Jogos Rio2016 através da formação de um amplo acervo documental que abarca desde a constituição da Candidatura à cidade-sede, em 2007, até a imediata pós-realização do evento, em 2016, assim como os impactos e legados para o Brasil e, em especial, para o Rio de Janeiro. A atividade central do projeto é a reunião, sistematização e produção de informações que servirão de fonte para pesquisas acadêmicas, produções jornalísticas e para o grande público de modo geral. De forma inédita, esse projeto tem se empenhado, ainda, em constituir um amplo banco de entrevistas de história oral com atores sociais diversos que estiveram e/ou estão envolvidos na realização desse megaevento esportivo (SIQUEIRA; FONSECA, 2017, p. 2).<sup>7</sup>

A seguir, é explicitada a metodologia usada no projeto:

Em relação à metodologia de história oral, utilizamos a estrutura de gravação do CPDOC e o projeto atende aos critérios de preservação da Casa (et al., 2003). Optou-se por fazer uso de entrevistas temáticas, uma vez que nosso interesse não era por toda a trajetória de vida dos nossos depoentes, mas sim por seu envolvimento com os Jogos Rio 2016. É importante salientar que mesmo em entrevistas temáticas, conforme nos esclarece a pesquisadora Verena Alberti (1990), é fundamental realizarmos uma pesquisa sobre a trajetória de vida de nossos entrevistados (SIQUEIRA; FONSECA, 2017, p. 5).

Atualmente, o projeto tem 25 entrevistas, somando cerca de 80 horas de gravação.<sup>8</sup> Todas elas foram feitas em formato audiovisual e gravadas no estúdio do CPDOC.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> No período entre 2014 e 2016, a autora deste artigo trabalhou nos Jogos Rio2016 como diretora de operações e serviços da Autoridade Pública Olímpica, consórcio público tripartite (União, estado e município do Rio de Janeiro) criado para fazer o monitoramento e o acompanhamento da matriz de responsabilidade dos Jogos Rio2016. Na APO, fez parte do grupo de trabalho “memória dos Jogos”, que tinha como objetivo propor e executar ações na área da memória. Tal grupo de trabalho foi se “enfraquecendo” ao longo do tempo, e as várias propostas elencadas (museus, publicações etc.) não se viabilizaram. As reuniões do grupo se restringiam ao debate sobre a destinação (arquivamento) dos documentos gerados por cada instituição. O grupo tinha representantes dos governos federal, estadual e municipal, do Comitê Rio2016 e da Autoridade Pública Olímpica.

<sup>7</sup> O projeto *Preservação da Memória das Olimpíadas: projetos e ações* teve a duração de seis meses (agosto a dezembro de 2016). A equipe responsável pela pesquisa e formação do banco de entrevistas de história oral foi coordenada por Carla Siqueira e Vivian Fonseca e era formada por sete pesquisadores e mais duas estagiárias.

<sup>8</sup> Diferentemente do que ocorreu com o restante do projeto, que encerrou grande parte de suas atividades em dezembro de 2016, a gravação de depoimentos seguiu sendo executada até maio de 2017.

<sup>9</sup> Os depoimentos em formato audiovisual ainda não estão disponíveis ao público no site do CPDOC; por esse motivo, optou-se por usar, neste trabalho, trechos das citações das transcrições. As transcrições e os sumários estão arquivados no Acervo

Em relação à disponibilização para o público, optamos pela inclusão no repositório da FCRB e seu consequente acesso através do sítio da internet do projeto e, ainda, pela criação de uma página da pesquisa no Portal do CPDOC, onde também estarão disponíveis os depoimentos. A ideia é disponibilizá-los editados, em arquivos de cerca de 50 minutos, divididos internamente em blocos temáticos com duração de 10 a 15 minutos cada, facilitando assim o acesso via internet. As transcrições da maior parte das entrevistas serão disponibilizadas na íntegra<sup>8</sup>, acompanhadas de um sumário e uma nota biográfica dos depoentes. Essa etapa ainda está em processo e esperamos que ainda em 2017 grande parte das entrevistas esteja acessível nesses parâmetros em ambos os sítios eletrônicos mencionados (SIQUEIRA; FONSECA, 2017, p. 8).

A constituição desse banco de entrevistas não foi o único produto do projeto. Ele também conta com a formação de um acervo mais amplo sobre os Jogos Rio2016, possuindo uma gama bastante vasta de documentação, tais como reportagens da grande imprensa e de mídia alternativa, iconografia, produções audiovisuais, legislação e relatórios técnicos produzidos por diferentes instituições.<sup>10</sup>

É importante registrar que a análise das entrevistas faz parte de um projeto que prevê o diálogo entre fontes orais e escritas. Seguindo as indicações de Gomes (1988), aparecem algumas pistas para se pensar sobre a importância da integração entre as fontes:

Ler jornais operários e relatórios de associações de classe é essencial para tecer o fio, o ritmo e o sentido dos acontecimentos. Mas ouvir histórias de vida é poder compartilhar o gosto que tudo isto deixou na memória das pessoas que realmente viveram esta experiência. Enfim, a interação entre a experiência pessoal e o fio histórico dos acontecimentos possibilita ao pesquisador rever os dados e interpretações já estabelecidos (GOMES, 1988, p. 10).

A citação expressa bem o modo pelo qual pretende-se trabalhar com as fontes arroladas ao tomá-las como documentos históricos: buscar um esforço em que a produção do conhecimento esteja balizada no entrecruzamento de fontes orais e escritas, no sentido de que este procedimento seja tomado como instrumento de controle e interpretação da lógica dos discursos analisados.

---

do CPDOC, *Projeto Preservação da Memória das Olimpíadas: projetos e ações*. Vigência entre agosto/2016 e maio/2017. Parceria com a Fundação Casa de Rui Barbosa. O projeto prevê que, futuramente, as entrevistas fiquem disponíveis no portal do CPDOC.

<sup>10</sup> O projeto contou com uma grande equipe de 21 bolsistas contratados pela FCRB e que foram divididos em três grupos distintos, cada um correspondendo a um dos eixos da pesquisa: Cultura, Esporte e Cidade. Some-se a esses eixos a área de memória, responsável pelas entrevistas de história oral e que compartilhou parte da equipe com o grupo de Cultura (SIQUEIRA; FONSECA, 2017, p. 3).

Num olhar atento sobre os trabalhos que se utilizam da história oral, podemos perceber que a maior contribuição da história oral não reside necessariamente na produção de novas informações, mas, sim, na possibilidade da comparação e complementação de relatos com dados e interpretações contidas nos documentos escritos. É importante ficar claro que, ao lado de permitir um acesso a histórias concretas, a centralidade da metodologia de uma história oral são os relatos de experiência. A *nova informação* trazida pelo depoimento oral está na forma pela qual o relato dimensiona e faz emergir os acontecimentos. Assim, o trabalho com as fontes é o de perceber como os discursos são produtores de memórias e como, necessariamente, devem se relacionar com os marcos históricos presentes na nossa história.

Ferreira (1994) reforça a necessidade de que, no processo de pesquisa, é preciso ir além das entrevistas e cotejá-las com outras fontes. Só se chega ao passado através da mediação das fontes: esse é o ofício do historiador. Por meio de tal ação, assume-se a importância e pertinência dos arquivos orais. Contudo, a história oral é apenas um método, e não um fim em si mesma. O depoimento oral construído com o auxílio do pesquisador torna-se uma fonte que será submetida à análise histórica como qualquer outra (FERREIRA, 1994).

O objetivo da história oral é, portanto, saber da experiência dessas pessoas e como elas as relatam algum tempo depois:

A história oral é uma metodologia de pesquisa que permite o acesso às narrativas de experiências de vida e à elaboração dessas experiências por parte de pessoas e grupos. Em um texto anterior (ALBERTI, 2004, p. 77-90), procurei mostrar que os relatos de entrevistas de história oral podem ser vistos como mais do que diferentes “versões” sobre o passado – eles podem nos ensinar algo sobre a realidade (o passado ou o presente), quando acontecimentos narrados se imobilizam em imagens, em espécies de unidades narrativas, sem as quais não podemos apreender novamente o sentido. Quando isso acontece, a entrevista nos fornece passagens de tal peso que são “citáveis” (ALBERTI, 2012, p. 127).

Também merece destaque o fato de que este é o único projeto que, até os dias atuais, se propõe a dar conta da questão da *memória dos Jogos Rio2016*. Os depoentes sabiam que estavam falando para duas instituições muito respeitadas (CPDOC/FGV e Casa de Rui Barbosa) e que talvez fosse a melhor oportunidade para registrar sua narrativa.

E nossos entrevistados? Para quem falam? Para nós, os entrevistadores, certamente – e por isso é tão importante, para a análise da entrevista, saber quem é o entrevistador e como ele se apresentou, para entendermos a relação de entrevista que ali se estabeleceu e, por extensão, entendermos (ou procurarmos entender) por que o entrevistado disse o que disse. O entrevistado também fala para nossas instituições, depositárias das entrevistas, e, muitas vezes, vistas como depositárias da própria “História”. Dependendo da instituição, ela acaba sendo até mais importante do que o próprio entrevistador (ALBERTI, 2012, p.162).

A hipótese defendida é de que os depoentes apostaram que conceder uma entrevista para aquele projeto daria legitimidade às suas narrativas, em função do caráter institucional e acadêmico apresentado pelo projeto.

O hoje ex-ministro Marcelo Calero<sup>11</sup> finaliza sua entrevista falando da importância do projeto e sua expectativa de seu depoimento estar contribuindo para futuras pesquisas:

O projeto é absolutamente imprescindível, porque – de novo – a gente tem que privilegiar a memória, porque daqui a cinquenta anos, quando a gente tentar entender como é que se deu esse processo e tudo mais (...) Eu me senti muito lisonjeado de participar de um projeto como esse, porque são sempre grandes nomes que são contemplados. Aqui no CDOC<sup>12</sup> a gente tem depoimentos de muita robustez e importância, que os pesquisadores se valem bastante. Então, daqui a cinquenta anos, quando se for escrever o – cinquenta ou menos, espero – quando se for escrever alguma tese, alguma coisa sobre como se deu as Olimpíadas, eu espero que pelo menos considerem algumas das coisas que a gente pensou, porque foi tudo pensado com muita lógica. Como tudo que eu procuro fazer, as coisas têm um encadeamento. O improviso, às vezes, é importante. No improviso, às vezes, saem coisas muito positivas. Tem uma máxima no Itamaraty que diz: o Itamaraty não improvisa. Isso é mentira. O Itamaraty improvisa várias vezes. E esse improviso, às vezes, é muito bom, porque às vezes dele resultam ações, atividades, iniciativas que acabam deixando a característica de improviso e passam a ser (...) Mas em todo caso, embora tenha havido aqui e ali alguns improvisos, o fato é que o todo foi muito bem pensado. Então, se eu puder pedir para os pesquisadores – reflitam sobre isso em particular –, eu gostaria (CALERO, 2016).<sup>13</sup>

Já o ex-ministro Juca Ferreira falou sobre dois momentos: o programa de cultura dos Jogos Rio2016 e sobre sua atuação nos dois períodos em que esteve à frente do Ministério da Cultura:

É isso que eu estou propondo aqui à FGV, abrigar aqui um pouco a sistematização da experiência, porque tem muito fio desencapado que precisa ter continuidade, porque, senão, a gente vai perder uma experiência de uma qualidade imensa. E isso tinha regredido a quase a situação que nós encontramos na gestão anterior em 2003 (FERREIRA, 2016).<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> Na época da gravação da entrevista, Marcelo Calero era o ministro da Cultura. Entrevista realizada no CPDOC-FGV, em 1º/8/2016. Entrevistadoras: Carla Siqueira e Vivian Fonseca.

<sup>12</sup> O entrevistado se refere ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), local onde foi realizada a entrevista.

<sup>13</sup> CALERO, Marcelo. Entrevista concedida a Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Rio de Janeiro, 1º ago. 2016.

<sup>14</sup> FERREIRA, JUCA. Entrevista concedida a Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Rio de Janeiro, 2 dez. 2016.

Ambos os depoentes sabem que precisarão disputar as narrativas sobre os sucessos e os fracassos do programa de cultura dos Jogos Olímpicos Rio2016. Suas entrevistas são parte desta estratégia de “narrar o passado” (mesmo que muito recente), como uma forma de ação. As concepções sobre o passado incidem sobre as maneiras de ação. Conceber o passado não é apenas selá-lo sob determinado significado, construir para ele uma interpretação; conceber o passado é também negociar e disputar significados e desencadear ações (ALBERTI, 2004).

Nesse sentido, os extratos das entrevistas aqui citados não são simples “ilustrações” de como se deu o sucesso ou o fracasso da programação cultural dos Jogos Olímpicos; eles são componentes fundamentais da explicação de como se comportam atores sociais em uma disputa de narrativa sobre um projeto que foi proposto inicialmente como uma ação integrada de entes públicos e Comitê Rio2016 e que teve um resultado final bastante polêmico e esvaziado.

Foi diante dessa disputa que foi construído o principal objetivo deste artigo: trabalhar com as narrativas de dois depoentes, percebendo como ambas se desenvolveram, trazendo em seu interior elementos que dialogavam com seus projetos. Trata-se de uma competição em que está em jogo a conquista ou a defesa do exercício legítimo de falar do verdadeiro motivo do cancelamento da programação. Fica evidente que esse debate se refere ao jogo de interesses e valores sociais, políticos e culturais que informam sobre o que o depoente que está falando. Nos depoimentos colhidos, as mútuas acusações demonstram a diversidade de projetos de cada um. Cada projeto traz consigo uma proposta, conformando, por meio de suas narrativas, a argumentação pretendida.

Longe de almejar um veredito de quem é o detentor da “verdade”, a abordagem aqui estabelecida tende a compreender a lógica que está embutida em cada um desses discursos, reconhecendo que ambos estão situados num tempo e espaço específicos e possuem um “projeto” a ser legitimado.

Não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto, pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e formalização das memórias (POLLAK, 1989, p. 4).<sup>15</sup>

### **As entrevistas e seu tempo**

Uma questão merece destaque: a temporalidade das entrevistas. As duas ocorreram no segundo semestre de 2016. Atentar-se para o contexto político em que elas foram realizadas é algo decisivo para

---

<sup>15</sup> POLLAK (1989) usa a noção de memórias em disputa na constituição das memórias de partidos políticos, sindicatos ou outros tipos de organização. Segundo o autor, há todo um trabalho de enquadramento e de manutenção da memória que consiste em privilegiar acontecimentos, datas e personagens, dentro de determinada perspectiva.

entender as condições de enunciação das entrevistas. As primeiras entrevistas do projeto foram feitas em agosto de 2016, ou seja, dias antes do início dos Jogos. A conjuntura era de crise política<sup>16</sup> e bastante instabilidade entre os atores políticos que trabalhavam no planejamento dos Jogos. As mudanças no primeiro escalão dos governos impactaram diretamente nas equipes de trabalho de cada área. A equipe do Ministério da Cultura, que havia planejado e lançado publicamente o programa de cultura do MinC na gestão do ex-ministro Juca Ferreira, havia mudado quase toda. No que diz respeito aos Jogos Olímpicos, o tema era ainda bastante polêmico, com parte da imprensa e da população duvidando se o Brasil iria conseguir “entregar os Jogos”, percepção que começou a se alterar a partir da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos e da realização das competições (FONSECA *ibid* HOLANDA et al., 2017).

A programação cultural, assim como outras pautas, foi impactada ainda pelas alterações no cenário econômico e político brasileiro ao longo do período de organização e execução do projeto olímpico (2009-2016). Tais mudanças repercutiram na governança dos jogos, seja do ponto de vista de qual instituição teria o protagonismo junto ao Comitê Olímpico Internacional, seja em função da capacidade de respostas para as despesas financeiras que apareceram durante o processo e que geravam enormes impasses sobre a responsabilidade de custeá-las. Nesse cenário, a prefeitura do Rio de Janeiro, principalmente a partir de 2013, aumentou muito seu poder decisório, fato que se intensificou enormemente a partir de 2015/16, quando o governo do estado aprofundou sua crise financeira e o governo federal teve o ápice da crise política. Vários fatores são elencados como agravantes deste cenário de desintegração e crise de governança: mudanças nas gestões dos entes<sup>17</sup>, dificuldades financeiras e atraso no processo decisório por parte dos gestores responsáveis (CARNEIRO; FONSECA, 2017).

O ex-ministro Marcelo Calero foi o primeiro depoente do projeto *Preservação da Memória das Olimpíadas: projetos e ações*. Essa situação por si só já era bastante intrigante. Vejamos: o depoente era o ministro da Cultura, a conjuntura era de acirramento político agudo, faltavam quatro dias para a abertura dos Jogos e a questão do esvaziamento do programa de cultura federal era um ponto muito sensível e polêmico. Claro que, independente do roteiro, em diversas partes da entrevista,

---

<sup>16</sup> Em maio de 2016, a Presidenta Dilma Rousseff havia sido afastada provisoriamente em função de um processo de impeachment.

<sup>17</sup> Com o objetivo de exemplificar essas mudanças, segue a lista de gestores dos entes federativos no período de 2009-2016. No Ministério da Cultura: Juca Ferreira, Ana de Holanda, Marta Suplicy, Ana Cristina Wangler e Juca Ferreira novamente. Na Secretaria Municipal de Cultura: Jandira Feghali, Ana Luisa Soares da Silva, Emílio Kalil, Sérgio Sá Leitão, Marcelo Calero e Júnior Perim. Na Secretaria Estadual de Cultura o cenário foi mais estável, contando com as gestões de: Adriana Rattes e Eva Dóris. No entanto, nessa esfera, o cenário de crise econômica que se acentuou a partir de 2015 impactou de maneira mais direta a gestão.



ele buscou justificar a estratégia adotada pelo Ministério da Cultura sob sua gestão e legitimar sua narrativa<sup>18</sup>.

Mais interessante ainda de se notar é que o projeto era financiado pelo próprio Ministério da Cultura e sob a coordenação da Casa Rui Barbosa, que é uma fundação vinculada ao MinC. Mesmo que não tivesse explícita a relação de poder e que as entrevistadoras (e a coordenação do projeto) mantivessem uma postura técnica ou acadêmica, evidentemente é um elemento que é preciso levar em consideração. Só o fato de ele ser “o primeiro a ser entrevistado pelo projeto” já era algo significativo.<sup>19</sup>

O depoimento do então ministro Marcelo Calero tratou de alguns temas: considerações sobre as comemorações sobre os 450 anos do Rio; os paralelismos entre Londres 2012 e a Rio 2016; sua atuação como secretário municipal de Cultura no planejamento da programação cultural da prefeitura para as Olimpíadas; críticas à integração das esferas do governo; o andamento da programação cultural para as Olimpíadas após sua saída da Secretaria Municipal de Cultura; o legado dos Jogos Olímpicos para a cidade do Rio de Janeiro; avaliação sobre o esforço de preservação da memória dos jogos Olímpicos e seu legado.

No caso do ex-ministro Juca Ferreira, sua entrevista foi realizada em dezembro de 2016. Os Jogos já tinham terminado e, do ponto de vista do megaevento, foram um sucesso: não houve nenhum incidente na área de segurança/saúde; as competições ocorreram normalmente, e o país provou que era capaz de realizar um evento de tal magnitude. Por outro lado, já haviam se passado quatro meses e a crise política e econômica do Rio de Janeiro se acirrou: o prefeito não elegeu seu sucessor, o governo do estado totalmente paralisado e os questionamentos sobre o legado dos Jogos aumentaram sensivelmente. Já naquele momento, a imagem dos Jogos Olímpicos estava em viés de baixa e ganhava força a ideia de que a Copa e as Olimpíadas contribuíram decisivamente para o aprofundamento da crise no Rio de Janeiro.

Em sua entrevista, o ex-ministro Juca Ferreira abordou aspectos de sua trajetória de gestor e militante político. Só a partir da metade do depoimento é que houve a primeira citação sobre os Jogos Olímpicos. Num breve resumo das questões que dialogam com esse texto, podemos destacar em seu depoimento a necessidade de integração governamental com a iniciativa privada: Fórum Permanente de Cultura; experiência com o fracasso da programação cultural na Copa do Mundo de 2014; patrocinadores (p. 37-40); a programação cultural do MinC e as relações com as Secretarias de Cultura do Município e do Estado, as

---

<sup>18</sup> Durante o depoimento, as entrevistadoras esclarecem que “aquela primeira sessão seria voltada para o período que ele esteve à frente da Secretaria Municipal de Cultura” e que “em uma segunda sessão, eles iriam se dedicar a conversar sobre a gestão do Ministério da Cultura”. Esta segunda sessão não ocorreu até 04/12/17.

<sup>19</sup> Considero que seria importante (em uma pesquisa futura) compreender melhor os motivos da escolha do então ministro Marcelo Calero para inaugurar o conjunto de entrevistas. Foi proposital? Ele sabia disso? Ele sabia dos outros entrevistados? Tentou intervir de alguma forma na condução do projeto?

demais entidades governamentais e a iniciativa privada (p. 47-52); os atrasos na execução da programação cultural para os Jogos: Comitê Executivo do MinC, pressões, tratamento da cultura no Brasil, a Maratona Cultural do Rio de Janeiro: evento teste, articulação entre distintas esferas e entidades (p. 58-60); o orçamento destinado à programação cultural e os cortes: consequências práticas das reduções orçamentárias, crédito extraordinário, crises política e econômica, cortes na programação, transição após o impedimento da ex-presidenta Dilma Rousseff (p. 66-72)<sup>20</sup>.

É interessante perceber como os dois entrevistados vão construindo suas narrativas de forma que a condição de ministro (e, neste caso, estar colaborando com a programação de cultura do maior evento do mundo) se colocava como uma consequência natural de toda uma trajetória de sucesso.

As narrativas trazem suas trajetórias profissionais a partir de uma visão linear, segundo a qual tudo que acontece tem uma coerência ascensional em direção ao sucesso, que é o ponto de chegada e de conclusão de sua existência. O percurso é sempre perfeito em termos de objetivos, determinação e vitórias pessoais. Esse tipo de perspectiva visa destacar uma evolução, um *ethos* inicial, que é exclusivo dos escolhidos, e a ideia de vocação aparece de forma intensa (CERTEAU, 1992).

Assim, parece muito natural para o ex-ministro Marcelo Calero que o sucesso de sua gestão no Comitê 450 anos o legitimasse a assumir o Ministério da Cultura. Mais do que isso, como ele era o secretário municipal de Cultura do Rio de Janeiro, conhecia melhor do que ninguém a realidade da cidade e as necessidades específicas para a logística dos Jogos Rio2016. Na entrevista, ele valorizava o fato de que saberia avaliar quais seriam os tipos de eventos adequados e as especificidades demandadas pelo Jogos Rio2016. A construção de sua narrativa de que *era importante fazer eventos que não impactassem na mobilidade da cidade* servia como justificativa para o cancelamento de parte da programação e o colocava como um gestor responsável.

No caso do ex-ministro Juca Ferreira, a primeira metade de sua entrevista foi o relato sobre as propostas inovadoras que as gestões Gilberto Gil/Juca Ferreira implementaram a partir de 2003.<sup>21</sup> Assim, o novo olhar que a gestão trouxe sobre a *cultura em sua dimensão*

---

<sup>20</sup> Sumário da entrevista com o ex-ministro da cultura Juca Ferreira realizada no CPDOC-FGV, em 02/12/2016. Entrevistadoras: Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Sumário elaborado por Lucas Pacheco Campos, em 17 de março de 2017.

<sup>21</sup> “(...) A gente foi muito mais avançado do que o governo inteiro. Posso dizer isso com a maior tranquilidade, porque agora, quando a cultura passa a ser o principal setor de resistência ao governo ilegítimo que substituiu a Dilma, surpreendeu a muita gente. No dia em que extinguiram o Ministério, todas as dependências do Ministério, no Brasil inteiro, foram ocupadas, até por índios. Isso é pelo reconhecimento do trabalho que foi feito. E esse reconhecimento advém do conteúdo das políticas e do nível de participação na formulação das políticas. Isso é uma inovação.” FERREIRA, JUCA. Entrevista concedida a Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Rio de Janeiro, 2 dez. 2016.

*antropológica* vai justificar a proposta de um programa de cultura olímpico que traga elementos da diversidade brasileira expressos nos espaços abertos, ou seja, nas ruas do Rio de Janeiro. A construção de sua narrativa o colocava como um gestor contemporâneo, preocupado em pensar os Jogos Rio2016 como uma oportunidade para os artistas brasileiros e para o Brasil se colocarem num outro patamar cultural no cenário internacional. Segundo ele, “os Jogos Rio2016 poderiam ter funcionado como uma chance concreta de projetar a cultura brasileira em um outro patamar” (FERREIRA, 2016). Fica evidente sua preocupação com a dimensão estratégica do programa cultural dos Jogos Rio2016.

A gente tem que ter programação para os espaços fechados, museus, teatros, centros culturais, e rua, e comunidades, e promover as atividades culturais que a comunidade pode oferecer tudo. Esse conjunto vai colocar a gente como o país que teve a melhor programação cultural. Porque a gente é rico em manifestação cultural e artística. E isso é um patrimônio do país e isso pode ser disponibilizado num momento desse. Isso, depois, gera negócios, os artistas brasileiros ficam conhecidos (FERREIRA, 2016).<sup>22</sup>

Em outro trecho da entrevista o depoente continua:

O Brasil é outra inserção. Um país se afirmando. A única potência emergente no Ocidente. Bric, soberania, Lula como um líder mundial. Era a hora do Rio de Janeiro, mesmo, de botar a cabeça do lado de fora. Se foi bem-feito, malfeito, aí é outra avaliação. Mas eu acho que essa crítica aos grandes eventos é uma coisa meio atávica, de gostar do pequeno, do amador. Não tem uma racionalidade estratégica, não. Ah. Gastar muito dinheiro. Mas entra dinheiro, também. São momentos que as cidades se recompõem, se atualizam. Barcelona é essa Barcelona bem-sucedida porque teve coragem de se colocar no mundo; inclusive porque eles precisavam criar uma marca catalã, independente da Espanha (...) Já pensou, a gente tendo uma certa soberania sobre esse mercado, começar a disputar com o cinema americano, com o audiovisual americano? Isso são regras. Isso não cai do céu. Ninguém vai fazer para a gente. Se nós não fizermos, a gente vai continuar sendo receptor e consumidor do que é feito nos Estados Unidos e de outros países. Então, um grande evento não é um fato isolado, um grande evento é muito mais positivo para um país e para uma cidade quando ele está inserido numa visão estratégica. Aí, essa visão estratégica falta no Brasil (FERREIRA, 2016).<sup>23</sup>

As passagens anteriores trazem a ideia de destino e predestinação, ressaltando aspectos e episódios da história do

---

<sup>22</sup> FERREIRA, JUCA. Entrevista concedida a Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Rio de Janeiro, 2 dez. 2016.

<sup>23</sup> FERREIRA, JUCA. Entrevista concedida a Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Rio de Janeiro, 2 dez. 2016.

depoente, nos quais estavam evidentes os sinais de suas aptidões. Ao falar de sua vida, ele busca dar uma coerência, a qual é inventada.

Os relatos seguem a lógica do senso comum, em que a vida é vista como um caminho, percurso unidirecional, com começo, etapas e fim<sup>24</sup>. Nesse caso, ao analisar as entrevistas, é fundamental atentar-se aos alertas feitos por Bourdieu sobre as *armadilhas das ilusões biográficas* presentes nos depoimentos, uma vez que tais diálogos documentam como os nossos entrevistados se significam, além de indicarem como o autor se dá significação e consistência, bem como compõe uma imagem de si próprio para os outros. Igualmente é ilusão biográfica achar que a vida é uma trajetória com uma série de posições sucessivamente ocupadas pelo sujeito (BOURDIEU, 1996).

No trecho a seguir, percebemos como ex-ministro Marcelo Calero vai construindo um raciocínio que remete a 2012 e traz duas ideias centrais: existia um *link* lógico e quase obrigatório entre os 450 anos e os Jogos Olímpicos Rio2016 e, neste caso, ele era o protagonista dos dois processos do ponto de vista da cultura. A outra ideia era a de que as “coisas” já começaram a dar errado quatro anos antes, fruto da desintegração dos entes e da falta de interesse do Comitê Rio2016:

Já entrando nas Olimpíadas. Em Londres, em 2012, no ano anterior a Londres 2012, comemorou-se o jubileu da rainha, então a gente (...) e serviu meio como um termômetro, como uma preparação, digamos, do espírito da cidade, para aquele grande evento que aconteceria no ano anterior. Então, da mesma forma, a gente entendia a comemoração dos 450 anos, como estavam espremidas aí entre Copa e Olimpíada, a gente entendia que ela tinha também um pouco esse objetivo, esse espírito de preparar *minds and hearts* para o ano seguinte, para esse ano de 2016; e até, eu acho, que a gente podia até ter avançado um pouco mais. A gente, a certa altura, propôs ao Comitê Organizador, o Comitê Rio 2016, que os Jogos, os eventos teste, na realidade, fossem os Jogos Rio 450; mas a coisa não prosperou. Acho que a gente perdeu aí. Acho que deveria ter sido. Teria conectado mais a cidade a uma ação esportiva mais ligada à sua própria identidade, eu acho. Minha leitura. Eu acho que a gente perde por não ter feito isso naquela ocasião. Eu acho que a cidade estaria mais imbuída de um espírito congraçador, digamos, se a gente tivesse feito um *link*; que era muito natural, não era um *link* forçado, não era uma conexão forçada. A cidade comemorava os seus 450 anos e havia eventos testes para as Olimpíadas. Mas, enfim, não prosperou (CALERO, 2016).<sup>25</sup>

A questão da integração entre os atores políticos (gestores e técnicos) durante o processo de planejamento dos Jogos Rio2016 é um tema presente, em que os depoentes apresentam claras divergências.<sup>26</sup>

<sup>24</sup> BOURDIEU, 1996, p.183-184.

<sup>25</sup> CALERO, Marcelo. Entrevista concedida a Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Rio de Janeiro, 1º ago. 2016. Ver transcrição, p. 06.

<sup>26</sup> A “cultura” aparece como um componente dos Jogos Rio2016 já no Dossiê de Candidatura do Rio de Janeiro à sede dos Jogos. Tal documento, entregue ao COI em 2009, foi elaborado pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) em conjunto com os

Para o ex-ministro Juca Ferreira, durante o tempo em que esteve à frente da coordenação do processo, ele não percebeu dificuldades na integração entre os governos federal, estadual, municipal e o Comitê Rio2016.

E a gente respeitou muito as instâncias do município e do estado. Já tinha até uma programação muito avançada, com Carla Camurati coordenando e tal (...) Fomos bem-sucedidos nessa relação. Acho que avançou. Porque nós experimentamos o não diálogo na Copa do Mundo, eu estava de secretário estadual (...) perdão, municipal de São Paulo, então a gente tinha a visão crítica desse tipo de abordagem do governo federal, meio tirânico, na relação. Sempre tivemos. Mas, de qualquer jeito, já tínhamos experimentado pelo outro lado a dificuldade de diálogo, então nós abrimos. E fiz várias reuniões com a secretária estadual, a Eva, com Calero, com Carla, com o COB. E depois, quando começou a caminhar a programação, aí eu não me meti mais, porque não cabia mais a mim. Eu tinha outras coisas para fazer. Foi bom. Acho que a gente conseguiu (FERREIRA, 2016).<sup>27</sup>

Para Calero, uma das evidências da falha do planejamento do programa de cultura olímpico era a falta de integração entre os entes. Ele relata que tal “integração” não aconteceu porque o MinC, que para ele seria “coordenador natural deste processo”, falhou e não cumpriu sua tarefa. Para comprovar sua tese, ele lembra que na maratona cultural, evento que ocorreu um ano antes dos Jogos e que serviria para testar o trabalho integrado, acirraram-se as discordâncias institucionais.

Já na maratona a gente viu que não ia funcionar. Na maratona... Vou contar um episódio aqui. O governo federal, ele faz uma programação... O que acontece? A gente decidiu, portanto, unir esforços, para que essa maratona do *One Year to Go* fosse consistente e robusta. E aí o governo do estado ia fazer a impressão, inclusive, do mapa da maratona. Mapa que eu digo é a programação. Teve um jornalzinho bem bacana. Nós juntamos uma série de eventos dentro dessa programação. Ficou uma coisa linda. O Ministério da Cultura resolveu fazer um palco na Cinelândia sem nos avisar. “Não. Nós vamos fazer um palco na Cinelândia”. Fizeram o palco. E aí, ao invés de se integrarem à nossa programação, eles criam uma programação à parte. Chamada... Espaço MinC (CALERO, 2016).<sup>28</sup>

---

governos federal, do estado e do município do Rio de Janeiro. Neste momento, afirmava-se que os Jogos Rio2016 iriam oferecer uma programação cultural que evidenciasse a cultura popular brasileira e a diversidade de expressões artísticas nacionais, de forma a promover o engajamento com os Jogos Rio2016, ampliar o acesso à cultura e propiciar uma experiência única e memorável ao espectador. COMITÊ DE CANDIDATURA RIO 2016. *Dossiê de candidatura do Rio de Janeiro à sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos*, 2009, p. 40. v.1

<sup>27</sup> FERREIRA, JUCA. Entrevista concedida a Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Rio de Janeiro, 2 dez. 2016. Ver transcrição, p. 35.

<sup>28</sup> CALERO, Marcelo. Entrevista concedida a Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Rio de Janeiro, 1º ago. 2016. Ver transcrição, p. 14.

Este episódio relatado pelo ex-ministro Marcelo Calero não foi lembrado pelo ex-ministro Juca Ferreira. Mesmo quando as entrevistadoras fizeram perguntas objetivas<sup>29</sup> sobre “alguma situação de melindre” entre os entes federados, a resposta foi negativa. Seja porque este tipo de conflito não chegava a ele, seja porque ele não queria valorizar essa dimensão na entrevista. O fato é que sua narrativa desconsiderou a questão da falta de integração como um problema.

Se houve, não foi registrado. Porque também tem isso. Às vezes tem um melindre, você não registra. Eu não me lembro de ter tido. Inicialmente, quando tinha a programação da Carla, eu mesmo disse: vamos considerar o máximo possível da Carla. Não precisa atropelar ninguém. Não precisa. Só precisar ampliar. Isso sim. Mas eu não me lembro dela ter resistido. A Eva sempre se (...) a secretária estadual, que não tinha muita interferência, na verdade, era mais o município aqui que tinha, a presença mais exuberante era do município. O Calero, também, nunca colocou nenhuma dificuldade. Eu não me lembro de ter tido alguma dificuldade (FERREIRA, 2016).<sup>30</sup>

Em um outro trecho da entrevista, o ex-ministro Marcelo Calero usa a questão da “não existência de um programa de cultura integrado nos Jogos Olímpicos” para fazer uma crítica direta e contundente ao seu antecessor:

E mais do que isso. Eu acho também que – e aí vai uma crítica assim direta à gestão anterior, e eu faço essa crítica mais na qualidade de ex-secretário do que atual ministro – faltou uma coordenação maior entre as esferas de governo. Essa que é a grande questão. E, entendo eu, essa coordenação teria que partir necessariamente do governo federal. Houve muitas reuniões preparatórias, mas o que a gente via é que apenas a prefeitura estava avançando nesses eventos assim de (...) nesses eventos mais, digamos, de rua. A prefeitura tinha o seu programa de fomento montado, a prefeitura tinha lançado as licitações pertinentes – nós chegamos a fazer uma licitação de palco, por valor unitário –, tudo que a gente precisava fazer, a gente tinha feito. E a gente não via correspondência nas outras esferas. O governo do estado, enfim, todas as questões gravíssimas pelo que passa, não se esperava realmente que tivesse condições de preparar muita coisa. E o governo federal, da mesma forma. Mas faltou um casamento, um azeitamento. E por essa razão, a gente quando chega na gestão (...) E eu não sei se você quer que eu já entre nessa parte... (CALERO, 2016)<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> A pergunta feita pelas entrevistadoras Carla Siqueira e Vivian Fonseca foi: Em relação a essa curadoria, essa coordenação, organização da programação cultural, em algum momento, houve algum melindre em relação ao fato de o MinC tomar para si esse processo de organizador disso? FERREIRA, JUCA. Entrevista concedida a Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Rio de Janeiro, 2 dez. 2016.

<sup>30</sup> FERREIRA, JUCA. Entrevista concedida a Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Rio de Janeiro, 2 dez. 2016.

<sup>31</sup> CALERO, Marcelo. Entrevista concedida a Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Rio de Janeiro, 1º ago. 2016.

Na narrativa do ex-ministro Marcelo Calero fica claro que, para ele, a prefeitura havia feito a sua parte, ou seja, o que era de responsabilidade dele estava bem encaminhado. Contudo, o entrevistado avaliou que essa performance positiva não ocorreu com os outros atores que fizeram parte do Fórum de Cultura<sup>32</sup> (governos federal e estadual, e o Comitê Rio2016).

Mas eu acho que não funcionou bem esse chamado Fórum. Eu nem lembrava que tinha esse nome. Não funcionou bem porque (...) e modéstia totalmente a parte, apenas a prefeitura do Rio fez seu dever de casa. Tudo que nós prometíamos nesse fórum, e que nós procuramos entender como importante e tudo mais, nós fizemos. A prefeitura do Rio lança o seu programa olímpico em agosto de 2015, lança os seus editais em setembro e outubro, salvo engano, e paga os artistas entre março e abril (...). E essa coordenação, ela só existiu nas reuniões. Todo mundo se juntava e tal, conversava e tal; mas, do ponto de vista efetivo, não aconteceu (CALERO, 2016).<sup>33</sup>

### **O cancelamento da programação dos Jogos: a disputa de narrativas**

Neste ponto, retoma-se a questão das condições de enunciação: no momento da entrevista, Marcelo Calero era o ministro da Cultura de um governo ainda interino que estava em uma disputa intensa com o antigo ministro. Mais do que isso, precisava justificar os motivos pelos quais ele havia cancelado grande parte da programação do Ministério da Cultura já anunciada pelo ex-ministro Juca Ferreira.

No dia 4 de maio, na Biblioteca Nacional, foi realizado um evento público em que o ex-ministro Juca Ferreira anunciou o Programa Cultura nos Jogos Rio2016. Tal programa previa duas mil ações culturais e envolvia cerca de dez mil artistas de todo o Brasil. Seu custo era de R\$ 85 milhões<sup>34</sup> e tinha como premissa valorizar a diversidade

<sup>32</sup> O ano de 2015 segue com as múltiplas tentativas de diálogo e integração entre os entes. Um exemplo claro deste esforço foi o Encontro do Fórum Permanente de Cultura do Rio de Janeiro, que aconteceu no dia 5 de março de 2015, tendo como pauta a programação cultural para os Jogos de 2016, em especial o envolvimento dos artistas e grupos da cidade nesta programação. O Fórum contou com a participação do ex-ministro Juca Ferreira, do secretário municipal de Cultura Marcelo Calero, da secretária estadual de Cultura Eva Dóris, Carla Camurati, responsável pela pasta de Cultura do Comitê Rio2016, além de artistas e intelectuais de destaque na cena cultural do Rio de Janeiro. Os temas centrais abordados no encontro foram: 1) Articulação dos entes para garantir a centralidade da Cultura (priorização de investimentos); 2) Valorização da cadeia produtiva da Cultura (remuneração de todos os artistas envolvidos); e 3) Descentralização das atividades. Apesar desse esforço, não foram realizados novos encontros, mas várias dessas pautas seguem permeando as discussões a partir de quais noções deveria ser pensada e implementada a programação cultural dos Jogos (FONSECA; SIQUEIRA, 2017, p. 14).

<sup>33</sup> CALERO, Marcelo. Entrevista concedida a Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Rio de Janeiro, 1º ago. 2016. Ver transcrição, p.14.

<sup>34</sup> No dia 2 de janeiro de 2016, o governo federal publicou MP 710/16 (convertida em Lei 13.268/2016), abrindo crédito extraordinário no valor de R\$ 85 milhões para promoção da cultura brasileira nos Jogos. Previu-se que o orçamento, já integralmente

cultural brasileira através de eventos majoritariamente nas ruas do Rio de Janeiro.<sup>35</sup> Com a mudança da gestão do Ministério da Cultura, essa programação sofreu uma série de modificações e, após um período inicial de silêncio sobre como a nova gestão trataria do tema, paulatinamente as ações foram sendo canceladas, enxugadas ou transferidas para o período dos Jogos Paralímpicos Rio2016.<sup>36</sup> Em julho de 2016, às vésperas dos Jogos Rio2016, a crise estava instalada no campo artístico e cultural. Começava ali uma disputa de narrativas entre as gestões do Ministério da Cultura (antiga e nova) sobre os motivos que levaram a este cancelamento.

Em vários trechos<sup>37</sup> do depoimento do ex-ministro Marcelo Calero, pode-se perceber uma busca de justificativa para o cancelamento da programação cultural. Ele diz ter herdado uma proposta de programação “imatura e frágil”. Dessa forma, o ex-ministro Marcelo Calero estrutura sua crítica ao programa em dois eixos principais: o programa tinha falhas jurídicas/burocráticas e foi pensado a partir de conceitos equivocados, pois tinha muitas atividades de rua para um período em que a cidade deveria estar à disposição para a logística relativa às competições e à mobilidade da população em geral.

A gente teve muita dificuldade quando eu assumi a gestão do Ministério da Cultura (...) O projeto olímpico federal não estava azeitado, não estava bem estruturado. Havia algumas coisas que já estavam muito bem encaminhadas, e outras, nem tanto. Principalmente o que se referia àquelas que precisavam usar a cidade (CALERO, 2016).<sup>38</sup>

Sobre os problemas jurídicos/burocráticos, o ex-ministro Marcelo Calero afirma:

E também a gente tinha (...) eu sou muito cioso dessas contratações públicas. Eu, pessoalmente, porque é a única coisa... Enfim, eu não sou político tradicional. Posso até me tornar um dia. Mas não sou político de carreira. E eu brinco que eu não tenho bens, a única coisa que eu tenho é meu CPF, minha reputação, então eu sou muito preocupado com essas contratações que são feitas e tudo mais. E quando a gente se depara com o arcabouço jurídico que foi montado para fazer sei lá quantas contratações que estavam previstas, a gente identificou muitas fragilidades. Eu não posso pedir ao meu

---

liberado pelo MPOG, cobriria a contratação de projetos e atrações culturais de todo o país para o Rio de Janeiro, no período de julho a setembro de 2016.

<sup>35</sup> BRASIL. Ministério da Cultura. *Duas mil atrações culturais nas Olimpíadas*. 4 maio 2016. Disponível em: <http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br>. Acesso em 01 de novembro de 2018.

<sup>36</sup> Os Jogos Paralímpicos Rio2016 ocorreram entre 7 e 19 de setembro de 2016.

<sup>37</sup> Mesmo que as entrevistadoras insistissem em focar em perguntas sobre a gestão do ex-ministro Marcelo Calero à frente da Secretaria Municipal de Cultura, era impossível que questões relativas ao cancelamento da programação de cultura do MinC não despontassem em seu depoimento. (e como elas despontaram?)

<sup>38</sup> CALERO, Marcelo. Entrevista concedida a Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Rio de Janeiro, 1º ago. 2016. Ver transcrição, p.14.



servidor, ao meu funcionário que ele tenha, digamos, uma (...) que ele seja menos cioso do que eu seria. E aí, a gente faz essa revisão jurídica dessas contratações e a gente viu que algumas a gente não ia conseguir levar adiante. Contratações, diga-se, que não estavam (...) estavam simplesmente apalavradas, muitas delas. Então, a gente pegou essa programação e a gente pensou três coisas. O que é que a gente não vai (...) O que é que a gente vai honrar cem por cento? O que está celebrado. Então, contrato celebrado, despesa empenhada e edital concluído. Essas três naturezas serão integralmente respeitadas, porque são as naturezas de operações que nós temos que respeitar, porque é negócio jurídico perfeito. E aí a gente passa (...) realmente, faz uma análise de todos os outros projetos que não estavam nessas condições. Alguns deles a gente consegue aproveitar, outros não; outros, a gente teve que descartar. Havia alguns valores que nos pareceram bastante excessivos. Se você considerasse, até o momento pelo que o país vive, a gente tem que estar preocupado também, entendo eu, não apenas com aquilo que é juridicamente possível ou correto, mas também com aquilo que moral e eticamente tem o seu lastro. Eu acho que quando a gente fala de moral e ética, a gente fala também de valores, não apenas, enfim, se a contratação é correta ou não. Valores financeiros. Então, a gente tentou transformar esse problemão em entregas, digamos, robustas, concretas e que fizessem sentido, também, do ponto de vista jurídico; e do ponto de vista prático, de novo, havia necessidade de maior interação com as autoridades da cidade, para se dimensionar corretamente os impactos logísticos que os eventos culturais das Olimpíadas produziram. Então, para além da necessidade de se contemplar a diversidade brasileira, que é um mote, um vetor aí que a gente tem muito presente, a gente continua tendo muito presente, tem essas condicionantes logísticas (CALERO, 2016).<sup>39</sup>

Como mencionado no início do texto, o ex-ministro Juca Ferreira responde a parte destas críticas numa reportagem ao jornal *Folha de São Paulo* do dia 23 de junho de 2016<sup>40</sup>. Ele afirma que a programação planejada e anunciada era de ótima qualidade e perfeitamente exequível do ponto de vista jurídico e temporal. Segundo ele, o cancelamento das ações foi porque a sua gestão fez uma opção por vários “eventos de rua”, que numa conjuntura de profunda crítica ao governo provisório tinha um grande risco de ter manifestações conhecidas como “Fora Temer”. Essa mesma narrativa aparece em trechos da entrevista:

Ai o ministro Calero disse que a gente era megalomaniaco, que (...) Eles ficaram com medo de virar manifestação contra o governo. Esse foi o primeiro medo. Segundo, não são do ramo. Terceiro, queria dar porrada, uma cacetada no governo

<sup>39</sup> CALERO, Marcelo. Entrevista concedida a Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Rio de Janeiro, 1º ago. 2016.

<sup>40</sup> JUCA Ferreira nega atraso em agenda olímpica e critica nova gestão do MinC. *Folha de São Paulo*, 23 jun. 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/06/1784893-juca-ferreira-nega-atraso-em-agenda-olimpica-e-critica-nova-gestao-do-minc.shtml>>. Acesso em: dez. 2017.

anterior, aí (...) que a gente era megalomaniaco, não sei quê. Cortaram a programação de rua, que era uma parte importante. Pô. Na Bahia, no Rio de Janeiro, o maior ativo cultural que você tem são as atividades de rua, de conagração, de celebração. Depois do carnaval, as revistas do mundo inteiro (isso foi um publicitário que me mostrou) publicam páginas e páginas sobre o carnaval do Rio de Janeiro, ou as mulheres, é muito apreciado no mundo inteiro (FERREIRA, 2016).<sup>41</sup>

Em outro trecho, ele complementa:

Então, houve uma redução do que nós programamos para o que aconteceu. Para economizar dinheiro também. Estavam naquela paranoia inicial, que tinha que cortar os tostões (...) O que nós tínhamos, se eu não me engano, era em torno de 80 milhões para fazer a programação toda. Tinha mais de dois mil eventos, em locais fechados, em locais abertos, feitos pela comunidade, feito por grupos culturais. Um percentual da cidade do Rio de Janeiro e um outro percentual do Brasil, que também é um momento de o país se mostrar. E as manifestações em grupos culturais e artísticos que vinham de fora, uma parte era até cofinanciada pelas secretarias de Cultura ou de Turismo dos seus estados (FERREIRA, 2016).<sup>42</sup>

É interessante notar que ex-ministro Marcelo Calero nunca fala em “cancelamento da programação”, e sim em “ajuste logístico e remanejamento da programação para o período dos Jogos Paralímpicos”.<sup>43</sup>

E eu falo muito a vontade disso porque eu estava do outro lado da mesa; e quando eu estava do outro lado da mesa, ainda em maio, início de maio, eu lembro que nós tivemos uma reunião com os então membros do Ministério da Cultura e a gente já os alertava a respeito disso. A logística da cidade ia estar muito sobrecarregada. Então, não tinha como você, simplesmente, pautar um evento na Lapa e achar que esse evento ia acontecer, como se a cidade não estivesse tendo nada além disso. Então, não era uma situação normal. Eu acho que a gente até deixa um pouco de lado esse conceito de maratona porque ele ia acabar, até do ponto de vista logístico, se sobrepondo a uma cidade já muito pesada em termos de evento. Você criar um conceito em que você concentra mais eventos, numa cidade que já está sobrecarregada, é muito

---

<sup>41</sup> FERREIRA, JUCA. Entrevista concedida a Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Rio de Janeiro, 2 dez. 2016.

<sup>42</sup> FERREIRA, JUCA. Entrevista concedida a Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Rio de Janeiro, 2 dez. 2016.

<sup>43</sup> Foi feita pesquisa, mas ainda não foi possível sistematizar os dados orçamentários e financeiros sobre o que de fato foi cancelado e o que foi transferido para o período paraolímpico, mas, pelo monitoramento de metas da Autoridade Pública Olímpica, certamente, uma parte majoritária dos dois mil eventos anunciados em 5 de maio de 2016 não ocorreu (Arquivo da APO, enviado ao Arquivo Nacional e ainda em tratamento).

complexo (...) E, por essa razão, inclusive, a gente faz uma opção por grande parte da programação pensada no Ministério, que ela se transladasse para o período das Paralimpíadas, que a cidade vai estar menos carregada. Havia menos eventos da prefeitura programados para esse período, então a gente pensa numa maior complementaridade, que faz todo sentido, claro. Então a gente fez essa opção pelas Paralimpíadas até para fazer esse ajuste logístico (CALERO, 2016).<sup>44</sup>

## Considerações Finais

Não é interesse do artigo em pauta dar o veredicto de quem está com a verdade. Para sair desta armadilha, uma alternativa é compreender o que motivava cada um dos depoentes quando deram seus depoimentos. Alguns questionamentos são importantes para entender a lógica que orienta a disputa entre essas versões. Por que era importante para o ex-ministro Juca Ferreira afirmar que a programação cultural proposta por sua gestão foi cancelada em função de sua identidade com as atividades de rua? E por que o ex-ministro Marcelo Calero reafirmava que sua opção foi pautada pela sua responsabilidade administrativa? Por que o ex-ministro Marcelo Calero reiterava sua percepção de que a cidade do Rio de Janeiro não daria conta, naquele momento, de suportar eventos de rua planejados por “forasteiros”?<sup>45</sup> Por que ambos trazem em seus discursos certezas absolutas que não deixam nenhuma brecha para a outra versão se mostrar como uma alternativa possível?

Pensar nas respostas a essas perguntas é propor, como método de análise da disputa existente, o acompanhamento da lógica que cada um produz quando constrói o seu próprio discurso. Em outras palavras, é compreender qual projeto cada um busca defender. Em primeiro lugar, é preciso ficar claro que o que é chamado de projeto é a estratégia que cada depoente escolheu para legitimar o seu discurso. A consistência desses projetos depende, fundamentalmente, do trabalho de memória que está em permanente construção (VELHO, 1994). Assim, tomar os discursos em disputa como projetos concorrentes ajuda a pensar como o conjunto de imagens que foi criado por ambos os depoentes vai constituindo identidades sociais que garantem continuidade entre passado, presente e futuro. Tais concordâncias sustentadas pelos dois projetos, apesar de não serem um produto “racional e maquiavélico”, são o resultado de uma deliberação consciente a partir de um campo de possibilidades no qual os atores estão inseridos (VELHO, 1994).

---

<sup>44</sup> CALERO, Marcelo. Entrevista concedida a Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Rio de Janeiro, 1º ago. 2016.

<sup>45</sup> O ex-ministro Marcelo Calero diz que a programação foi feita por gente de “fora da cidade”, uma vez que o principal coordenador da programação cultural na gestão do ex-ministro Juca Ferreira era José Mauro Gnespinni, paulista e responsável pela Virada Cultural de São Paulo. Importante registrar que o ex-ministro Marcelo Calero ignorou que na equipe responsável estava presente Danielle Nigromonte, que foi Subsecretária Municipal de Cultura durante toda sua gestão (2013-2015).

Longe do que pensa o senso comum, a memória não é algo “passado e enterrado”, que o historiador deve guardar e transmitir tal como ocorreu. Ao contrário, ela deve ser entendida como uma permanente reconstrução do passado a partir do presente (FRANK, 1992). No sentido aqui proposto, memória é reviver, é refazer; é refletir, é trabalhar o agora a partir do outrora (BOSI, 1995). Compreender essa dinâmica de temporalidades, em que o passado e o presente se alimentam mutuamente, é fundamental para se avançar na discussão dos processos de construção da disputa dos depoimentos em questão.

O que garante a energia para um investimento acadêmico sobre Jogos Olímpicos é o permanente sentimento de estranhamento, tão caro aos historiadores. Nesse sentido, o historiador cria condições para a percepção do real como construção de seres humanos concretos em processo de interação e luta entre si. Em outras palavras, a história nos instiga a pensar o social – passado, presente e futuro – como processo tecido na contradição e na luta, e não como “anestesia”, como “mesmice” (CHALHOUB, 1986, p. 232).

### Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. De ‘versão’ a ‘narrativa’ no manual de história oral. *História Oral. Revista da Associação Brasileira de História Oral*, v. 15, n. 2, p. 159-166, dez. 2012. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=issue&op=view&path%5B%5D=29&path%5B%5D=showToc>>. Acesso em: dez. 2017.

\_\_\_\_\_. *Manual de história oral*. 3. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

\_\_\_\_\_. Narrativas pregnantes como ‘jogos de linguagem’: possibilidades da história oral à luz da teoria da linguagem de Wittgenstein. *História Oral. Revista da Associação Brasileira de História Oral*. Rio de Janeiro, Associação Brasileira de História Oral, v. 11, n. 1-2, p. 127-148, jan.-dez. 2008. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=154&path%5B%5D=155>>. Acesso em: dez. 2017.

\_\_\_\_\_. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BOSI, Eclea. *Memória e sociedade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Coord.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996[1986].

CALERO, Marcelo. Entrevista concedida a Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Rio de Janeiro, 1º ago. 2016.

CARNEIRO, Juliana; FONSECA, Vivian. Cultura e Jogos Olímpicos Rio 2016: notas sobre gestão pública e políticas culturais. In: XII ENECULT, 2017, Salvador. *Anais...* Disponível em: <[www.cultufba.br/enecult](http://www.cultufba.br/enecult)>. Acesso em: dez. 2017.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 1992.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. *A paixão nos une: relatório oficial da candidatura Rio 2016*. Rio de Janeiro: COB, 2010.

\_\_\_\_\_. *Dossiê de candidatura do Rio de Janeiro: a sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos 2016*. Volumes 1, 2 e 3. Rio de Janeiro: COB; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2013. v. 1.

FERREIRA, Juca. Entrevista concedida a Carla Siqueira e Vivian Fonseca. Rio de Janeiro, 2 dez. 2016.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.) *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FRANK, Robert. La mémoire et l'histoire. In: *Le cahiers de l'IHTP (21)*: 65, 1992.

GOMES, Angela de Castro et al. *Velhos militantes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

HOLANDA, Bernardo; MEDEIROS, Jimmy; BISSO, Luigi. Megaeventos esportivos, opinião pública e mídia: um balanço da cobertura midiática e das pesquisas quantitativas sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016. In: CALEBRE, Lia et al. *Memória das olimpíadas no Brasil* [recurso eletrônico]: diálogos e olhares. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos. CPDOC-FGV*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. *Estudos Históricos. CPDOC-FGV*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Coord.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

SIQUEIRA, Carla; FONSECA, Vivian. O registro de uma memória em movimento: o desafio acerca da Rio2016. Rio de Janeiro, 2017. (No prelo).

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

Data de recebimento: 12 de fevereiro de 2019

Data de aprovação: 13 de setembro de 2019